

Noam Chomsky - sobre as Crises de Imigração

15 de novembro de 2016 - O papa Francisco captou a essência da crise da imigração: "Os migrantes não são o perigo. Eles estão em perigo".



A implicação é clara - a chamada crise da imigração é uma indicação de uma crise moral, maior, nos países ricos do mundo; as sociedades que têm recursos para ajudar os que estão em perigo grave, e para mitigar ou resolver as circunstâncias que estão na raiz da sua deslocação.

1

A reflexão sobre estas questões é essencial, se quisermos enfrentar a crise moral de forma honesta e realista, pré-requisito para uma resposta humana e construtiva, para um problema humano enorme, que está bem diante de nossos olhos, e que é muito provável que se torne muito pior num futuro próximo, a menos que sejam realizadas ações decisivas. E é instrutivo, penso eu, fazer estas reflexões, para chegarmos para além dos acontecimentos, que estão diante de nossos olhos, e que são suficientemente esmagadores. Isto consta do relatório, de ontem, publicado no *El País*, de que mais de 4.000 refugiados, desesperados, se afogaram no Mediterrâneo este ano, fugindo da miséria e violência. Os migrantes estão muitas vezes em perigo extremo, como vemos todos os dias.

Não há que negar que os migrantes podem, às vezes, tornar-se um fardo sério para a sociedade que os recebe. Os casos mais extremos são uma catástrofe devastadora, que raramente é considerada uma crise de imigração, embora o seja. O surgimento de sociedades de **colonos-instaladores**, onde os migrantes chegam com a intenção de deslocar ou exterminar a população indígena, é a mais selvagem forma do imperialismo, e de fato a base de grande parte da sociedade global. Os casos mais proeminentes, são os dos países mais ricos e desenvolvidos do mundo. Em tais casos não podemos usar, corretamente, o termo crise da imigração. Isso seria muito suave.

Uma melhor descrição, seriam as palavras do presidente dos EUA, **John Quincy Adams**¹, o autor intelectual da doutrina do «*Manifest Destiny*» que justificou a conquista pelos colonos, do que hoje é conhecido como os Estados Unidos. Nos últimos anos [da sua vida] ele reconheceu o destino d'«*essa raça infeliz dos nativos americanos, que estamos exterminando com tanta crueldade impiedosa e pérfida, [ser] entre os horrendos pecados desta nação, que Deus, um dia vai, trazer a julgamento.*» Em todos os países da anglo-esfera, as rebentos da Inglaterra, as consequências para os que sobreviveram ao ataque devastador, permanecem graves ainda hoje, e esta dolorosa história repete-se noutras partes do mundo igualmente.

¹ NdT.: Sexto presidente dos EUA, de 1825 a 1829.

Outra crise de imigração, fundação também do mundo moderno, é a migração forçada de prisioneiros escravos, não geralmente citada também, como uma crise de imigração. Esta prática alcançou sua forma mais extrema e cruel, na economia das plantações na América do Sul, onde, sob condições horríveis, escravos produziam a mercadoria mais importante no comércio mundial ao longo do século 19 - o algodão - que em certa medida, não geralmente reconhecida, serviu de base para as avançadas economias modernas, particularmente as dos Estados Unidos e da Inglaterra, mas de outros países também. A produção de algodão, por trabalho escravo, forneceu a base para o desenvolvimento de manufatura, finanças, comércio e indústrias de retalho. Núcleos de estudo contemporâneos só agora começam a descrever as implicações do sistema escravagista para a economia moderna, para não falar do seu papel, na conquista imperial na América do Norte, Índia, Egito e em outros lugares. Foi também um fator importante na Revolução Americana, que lutou em parte para preservar a instituição da escravatura, contra a crescente oposição que a ela [se fazia] na Inglaterra.

A história da escravatura, que só agora apenas está ser posta a nu pelos estudos contemporâneos, é horrível e, como no caso dos vestígios do ataque dos colonos-instaladores, o rescaldo continua cruel hoje. Seria desnecessário, para lidar com a grave crise moral que a história põe às sociedades ricas, ou sobre a depravação moral que é evasão da terrível história, e a vontade de limitar, o mais possível, a sua extensão.

Embora lidando com as crises colossais de imigração, o país mais gravemente afetado pelo fluxo de refugiados hoje é o Líbano. Um país pobre, onde cerca de 40% da população é de refugiados, alguns das recentes guerras no Iraque e Síria, e muitos deles remontando à expulsão dos palestinos por Israel, em 1948. No Líbano e em outros lugares, os refugiados estão ainda confinados em campos miseráveis. A Jordânia também absorveu uma enorme população de refugiados, assim como a Síria, antes do seu recente cataclismo. O Quênia, país pobre africano, tem centenas de milhares de refugiados, a maioria dos quais foge da violência e repressão na Somália, que sobrevivem em condições miseráveis sob constante ameaça de deportação ilegal. Enquanto isso, na rica França, o esquálido acampamento de refugiados de **Calais**, conhecido como "**a selva**", foi demolido. Mas há também um traço de compaixão Ocidental. A Grã-Bretanha concordou em aceitar algumas centenas de crianças, não acompanhadas, do campo [de Calais] que tenham família no Reino Unido, esquecendo os complexos procedimentos necessários para fornecer prova de perseguição, de modo a que os valores elevados da civilização ocidental sejam respeitados.

No topo da escala, entre os países mais miseráveis do mundo, está o Afeganistão. A sua classificação é alta, igualmente, noutra dimensão - **acolhimento de refugiados**. Até agora, um número estimado de 1,5 milhões este ano, muitos deles expulsos de países ricos do Ocidente, onde lhes têm sido recusado asilo. A situação dos refugiados, hoje, não pode deixar de trazer à mente os momentos dolorosos da história recente. Os Estados Unidos era conhecido como um refúgio para imigrantes Europeus, enquanto que os imigrantes orientais foram excluídos por lei, logo que eles se tornaram uma

presença significativa, e muitos deles foram trazidos como escravos virtuais, como a primeira imigração Africana.

Mas mesmo dentro da favorecida Europa, os problemas surgiram desde o início. **Benjamin Franklin**,² a principal figura americana do **Iluminismo** insistiu que os alemães e suecos deviam ser excluídos porque eles eram muito "morenos". Mas essa proposta foi posta de lado, no século 19. Muitos dos que fugiam da terrível fome irlandesa foram tratados [nos EUA] quase tão mal como os Afro-Americanos, mas foram finalmente absorvidos, bem como os outros. Isto durou por todo o tempo que o país precisava da população europeia para ocupar o [espaço] que foi tirado aos nativos americanos ["pele-vermelha"]. A primeira barreira para os europeus foi estabelecida em 1924, contra italianos, judeus e outros europeus ocidentais e orientais. Essa barreira durou até 1965. E as consequências foram terríveis, especialmente para os judeus, com a Alemanha Nazi descendo às profundezas da barbárie. Em 1938, a conferência de **Evian**³ foi fraca e falhou esforço internacional para lidar com a fuga de Judeus da Alemanha Nazi.

Um entusiasta foi **Adolf Hitler**, que expressou sua esperança de que *"o mundo, que tem tão profunda simpatia por esses criminosos [judeus], deveria, pelo menos, ser generoso o suficiente para converter essa simpatia em auxílio prático. Nós, por nossa parte, estamos prontos para colocar todos esses criminosos à disposição desses países de qualquer modo, mesmo em navios de luxo."* Apenas a República Dominicana e a Costa Rica estavam dispostos a oferecer ajuda. O resultado foi uma luz verde para o genocídio. E mesmo depois da guerra, os sobreviventes do Holocausto ainda estavam vivendo em campos de concentração, em condições miseráveis, apesar de não haver mais qualquer dúvida sobre os crimes hediondos. As barreiras foram mantidas, uma história feia que deve ser melhor conhecida, e que nos diz algo sobre os valores ocidentais que estão vindo à tona novamente hoje em dia.

Uma exceção parcial para o panorama geral de absorção dos refugiados de hoje, pelos países mais pobres, é a Turquia. Membro da OCDE, com uma sociedade moderna, desenvolvida e altamente produtiva, mas simultaneamente na extremidade baixa da classificação da OCDE, e de realidade pobre, no [nível de desenvolvimento] social e económico. No Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, a Turquia está classificada 72º lugar, mesmo abaixo do Líbano e Irão, mas absorveu grande parte dos refugiados da violência ocidental na região. A Turquia abriga 2,5 milhões de refugiados, incluindo a maior parte dos que fogem dos horrores da Síria, 90% dos quais são mulheres e crianças, segundo se calcula. A Turquia tem agora, em grande parte, fechadas as suas portas, para as dezenas de milhares de pessoas desesperadas que fogem dos mais recentes horrores, que são tão lamentáveis agora em **Alepo**, sob

² NdT.: janeiro de 1706 a abril de 1790

³ NdT.: A Conferência de **Evian** foi uma iniciativa do presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt. O objetivo era discutir o problema das vítimas das políticas discriminatórias dos refugiados judeus, pelo regime nazi. Decorreu de 6 e 15 de julho 1938.

(ver: https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_fi.php?ModuleId=0&MediaId=175)

ataques aéreos cruéis pelo governo **Assad** e seu aliado **Russo**. Dezenas de milhares deles estão encalhados na fronteira, com muitos mais para vir.

Em resposta, os países europeus ricos pressionam e subornam a Turquia para absorver ainda mais refugiados, para os manter longe de suas fronteiras, enquanto duramente condenam a Turquia pelo encerramento de suas próprias fronteiras. Eu não sou fã do Presidente **Erdogan**, mas suas acusações de hipocrisia [contra os líderes europeus] dificilmente são sem mérito. O relatório de Setembro do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados define a escala da crise migrante síria - cerca de 11 milhões de sírios fugiram de suas casas nos últimos cinco anos de escalada da destruição. Outros 13,5 milhões de sírios estão em necessidade de assistência humanitária dentro da Síria. Quase 5 milhões de pessoas fugiram para a Turquia, Líbano, Egito e Iraque, enquanto 6,5 milhões estão deslocadas no interior da Síria. Um milhão pediu asilo na Europa. Os países de topo, no acolhimento, na União Europeia, são a Alemanha, com mais de 300.000 pedidos de asilo acumulados; outros têm um registro muito mais patético. Os Estados Unidos estão muito atrás, tendo absorvido apenas alguns milhares.

Os EUA são não só o país mais rico e poderoso na história do mundo, com vantagens incomparáveis, mas também tem grande responsabilidade em gerar refugiados. O recorde para a Grã-Bretanha é pouco melhor, e parte das razões para o **Brexit** parecem tornar o recorde ainda pior. Nunca devemos esquecer o fato de que a invasão EUA-Reino Unido, do Iraque, é a fonte de grande parte da crise de migrantes de hoje, e ela constitui a cartilha de agressões criminosas, sem qualquer pretexto credível. Nas palavras do promotor-chefe de justiça americano em Nuremberga⁴, **Robert Jackson**, *«Iniciar uma guerra de agressão não é apenas um crime internacional, é o supremo crime internacional, diferindo apenas de outros crimes de guerra na medida em que contém dentro de si o acumulado o mal de todo o mal que se segue.»* Ele estava a falar da Alemanha nazi, mas as palavras aplicam-se à situação atual, neste caso, não só pela destruição do Iraque, mas também pelo incitamento ao conflito sectário que está dilacerando o Iraque e toda a região, e a geração de milhões de refugiados pela invasão propriamente dita, e os que fogem no rescaldo incluindo o aparecimento do monstruoso **ISIS**. Ao Ocidente também poderia fazer bem escutar as palavras duras de Jackson no tribunal de Nuremberga. Disse ele *«nunca devemos esquecer que o veredicto que aplicamos a estes réus é o mesmo com que a história nos julgará amanhã. Dar a estes acusados um cálice envenenado é colocá-lo aos nossos lábios igualmente»*. Podemos agora avaliar quanto a civilização ocidental assumiu deste desafio.

Estas reflexões aplicam-se não apenas à torrente de refugiados do Iraque e às suas consequências, mas também para a crise dos refugiados em geral. É um fato bastante surpreendente que os países com menos responsabilidade na geração de refugiados são aqueles a quem foi entregue a responsabilidade de, de alguma forma, cuidar deles, enquanto que aqueles com a maior responsabilidade em gerar refugiados são autoabsolvidos. Isso vale não apenas para refugiados que fogem dos desastres do

⁴ NdT: O Tribunal de Nuremberga, na Alemanha, julgou os crimes de guerra dos Nazis, e reuniu de 20 de novembro de 1945 até 1 de outubro de 1946.

Médio Oriente, mas também para os refugiados que fogem da destruição deixada pela intervenção dos EUA na América Central, e aqueles que fogem das Honduras, a principal fonte de refugiados, desde o golpe militar de Obama de 2009, que expulsou o presidente reformista e restaurou a regra dura e brutal das elites tradicionais, transformando Honduras em uma das capitais de homicídio do mundo. E os EUA reagiram da mesma maneira que a Europa o faz, pressionando e subornando o México para manter as vítimas longe de suas fronteiras. As mesmas reflexões aplicam-se ao enorme fluxo de refugiados da África para a Europa, incluindo o 4000 que já se afogaram no Mediterrâneo este ano, na sua fuga desesperada. Aqui também, é claro, há toda uma história que remonta a centenas de anos atrás, atingindo o presente, que esconde uma crise moral grave, para o Ocidente.

A atitude geral da civilização ocidental para com esta história, provem de forma clara, do planeamento global dos EUA, no final da Segunda Guerra Mundial. Entenderam os planificadores, que os EUA estariam substituindo os seus predecessores europeus como poder global dominante e, naturalmente, foram estabelecidos cuidadosos planos sobre como organizar o mundo. O quadro geral foi bem descrito por **Henry Kissinger**, «*A Europa e os outros devem concentrar-se nos seus interesses regionais, enquanto os Estados Unidos, que tem interesses e responsabilidades globais, irão gerir o quadro global da ordem, servindo como respeitados guardiões e legítimos impulsionadores da lei que o mundo precisa.*» A cada região foram atribuídas suas funções dentro do quadro global. A função do Sudeste Asiático foi a de fornecer recursos e matérias-primas para os antigos mestres coloniais e para os Estados Unidos. Quanto a África, os EUA tinham poucos interesses no continente, assim devia ser confiado à Europa para explorar, para a reconstrução Europeia. O desenvolvimento económico foi tido em conta, mas como vitrine, e não devia ser considerado seriamente. A exploração da África daria força à ideia de União da Europa Ocidental objetivo tangível que todos têm tentado em vão, agarrar nos últimos meses. Por outras palavras, uma espécie de elevador psicológico, enquanto os Estados Unidos assumiriam a responsabilidade de manter a ordem global. Os planos são para ser considerados normais. Não encontrei nenhuma menção à ideia de que, depois de muitos séculos horríveis, a relação da Europa para com a África devia ser a de a explorar, com vista à sua reconstrução dos escombros de guerra.

Isto é, de forma alguma significa história antiga, ela continua no presente, do modo que bem sabemos. E é a principal razão pela qual os africanos estão a tentar fugir para as terras de seus torturadores tradicionais, criando uma crise de refugiados ou, mais precisamente, adicionando mais um degrau à crise moral que a Europa enfrenta. A razão mais imediata para a atual inundação de imigrantes africanos é o ataque à Líbia, iniciado pela França e pela Grã-Bretanha, apoiados pelos Estados Unidos. O ataque à Líbia aumentou muito as baixas, por um fator dez, de acordo com a análise na maior publicação do "establishment" dos Estados Unidos, «**Foreign Affairs**». O ataque também abriu uma inundação de armas e *ihadistas* principalmente para a África Ocidental, agora o principal centro de terror islâmico, segundo dados da ONU. O ataque também ajudou o **ISIS** a estabelecer uma base Africana e abriu um canal para o fluxo de refugiados para a Europa, criando a crise da imigração.

É de salientar, que durante a crise na Líbia, a União Africana apresentou propostas sérias e viáveis, para uma resolução diplomática pacífica, que poderia muito bem ter evitado a catástrofe. Estas foram estudadas em detalhe nos textos académicos, que salientam que as propostas foram ignoradas pela França, Reino Unido e Estados Unidos, que tinham a intenção de prosseguir a sua missão tradicional. Para os mestres do mundo, o Norte de África não é um assunto regional da África, mas sim da Europa e de forma mais geral da NATO, agora que é missão desta foi ampliada, após a queda da União Soviética.

Outra questão relevante, é saber se a África se poderia ter desenvolvido se não tivesse sido [reservada] para a conquista ocidental. Talvez. Um dos principais historiadores sobre a África, **Basil Davidson**, escreveu que as reformas modernizadoras na África Ocidental, em meados do século 19, eram similares às implementadas no Japão, aproximadamente ao mesmo tempo. Ele argumenta que o potencial para o desenvolvimento era, em substância, não diferente do potencial verificado pelos japoneses depois de 1867. Comenta que o mesmo objetivo estava perante eles, mas a tentativa dos africanos foi impiedosamente esmagada e os seus planos frustrados pela força imperial. A África Ocidental, devido a isso, juntou-se ao Terceiro Mundo, mas não o Japão: parte do Sul Global que resistiu à colonização e que se desenvolveu com as suas colónias. O Japão foi brutalmente colonizado, mas suas ex-colónias - Taiwan e Coreia do Sul, seguiram os programas de desenvolvimento lideradas pelo Estado, que o Japão pediu emprestado à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, rejeitando o modelo neoliberal ocidental. Há 60 anos atrás, a Coreia do Sul estava, mais ou menos, ao nível económico do Gana. Os resultados são bastante diferentes. Bem como Taiwan. E, é claro, a China, que também rejeitou os programas de desenvolvimento ocidentais desenvolvidos para o mundo colonial e pós-colonial.

Perguntas como estas devem ser exploradas ao confrontar a crise moral, que o fluxo de migrantes criou no Ocidente. A crise migrante estende-se muito para além da fuga de refugiados da violência, caos e dura repressão. As enormes secas que estão já ameaçando a sobrevivência de centenas de milhões de pessoas. E há também outros fatores, decorrentes alguns dos conflitos mais terríveis, como no **Darfur** e na **Síria**. Cerca de 25 milhões de pessoas são deslocadas por catástrofes, como inundações e tempestades a cada ano, com o previsto efeito do aquecimento global crescente. Uma pessoa a cada segundo. Consideravelmente mais do que aqueles que fogem da guerra e do terror. E os números aumentarão necessariamente. Particularmente com a dissolução dos enormes glaciares da antártida. Só no Bangladesh, calcula-se que dezenas de milhões de pessoas terão de fugir, nos próximos anos, a partir de planícies baixas por causa da grave elevação do nível do mar. As alterações Climáticas irão criar uma crise migrante que vai fazer, da dos nossos dias, uma pálida insignificância. Mais uma vez, esta crise provocada pela imigração representa uma crise moral grave para as sociedades ricas. Esta questão, leva a que, com justiça considerável, cientistas do clima de Bangladesh digam que esses migrantes devem ter o direito de se deslocar para os países de onde todos estes gases de efeito estufa estão vindo. Milhões deveriam poder ir para os Estados Unidos e outros países ricos, que têm crescido ricos, enquanto provocando uma nova era geológica, marcada pela transformação humana radical do meio ambiente. Estas consequências catastróficas só poderão aumentar, e não só para

o Bangladesh, mas para todo o sul da Ásia, com as temperaturas, que já são intoleráveis para os pobres, inexoravelmente a subir e os glaciares do Himalaia a derreter, ameaçando todo o abastecimento de água para o sul da Ásia. Entretanto, na Índia, cerca de 300 milhões de pessoas já não têm água potável.

Em breve poderemos estar diante de catástrofes indescritíveis, a menos que ajamos rápida e decisivamente.

Voltando, finalmente, às palavras do Papa Francisco, os migrantes estão realmente em perigo, e perigo grave, e temos o dever de nos dedicar a remediar a sua fuga de todas as muitas maneiras que pudermos, abordando as causas da fuga, aumentando a ajuda humanitária, acolhendo-os em nosso meio. E, ao mesmo tempo, devemos refletir seriamente, sobre outra frase familiar - "**Médico, cura-te a ti mesmo**"

(A palestra foi seguida por Denis Rogatyuk para o «International Journal of Socialist Renewal»)



Avram Noam Chomsky é um linguista americano, filósofo, cientista cognitivo, historiador, lógico, crítico social e ativista político. Às vezes descrito como "o pai da linguística moderna", Chomsky é também uma figura importante na filosofia analítica, e um dos fundadores do campo da ciência cognitiva. Passou mais de meio século no Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde é «Institute Professor Eméritus», e é ainda o autor de mais de 100 livros sobre temas como a linguística, guerra, política, meios de comunicação, política externa dos EUA, questões sociais, história latino americana e europeia, e muito mais.

No sábado, 5 de novembro **Noam Chomsky** apresentou no «Palau de Congressos de Catalunya», em Barcelona, a palestra «*Crises of Immigration*» [*Crises da Imigração*] no quadro do programa "Annual Guest Lectures of the UNU Institute of Globalization, Culture and Mobility (UNU-GCM)".

Este artigo foi publicado por **Transcend Media Service (TMS)** [Jornalismo Orientado para Soluções de Paz] em 21 de novembro de 2016



**Tradução Livre da Responsabilidade de:
Forum Abel Varzim, Lisboa / Portugal**